

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

Diversification in Family Agriculture: Contribution of egresses from the Family Agricultural School of Santa Cruz do Sul (Efasc)

Fernando Doege

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-2032-0602>

Virginia Elisabeta Etges

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6976-8363>

Resumo: Este artigo traz algumas reflexões acerca da agricultura familiar na região do Vale do Rio Pardo, que tem na produção de tabaco sua principal atividade. O controle das empresas sobre o processo de cultivo do tabaco limita as possibilidades de diversificação de atividades entre os jovens do meio rural, o que tem levado muitos a migrarem para os centros urbanos. A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC, criada em 2009, tem como um dos seus propósitos preparar jovens do meio rural da região do Vale do Rio Pardo com formação técnica, voltada à diversificação de atividades na agricultura familiar. Nesta pesquisa buscou-se investigar a contribuição de egressos da EFASC na diversificação de atividades na agricultura familiar na região. Para tanto foram realizadas entrevistas semiestruturadas com egressos das turmas de 2011 e 2012, além de levantamento bibliográfico e de dados em fontes secundárias sobre o tema. Os resultados evidenciaram que a escola, juntamente com o apoio de uma rede de entidades e das famílias dos jovens, prepara os estudantes para decidirem, de forma autônoma, sobre a permanência, ou não, no meio rural. Apontam também dificuldades referentes à disponibilidade de mão de obra, tendo em vista que são famílias com poucos integrantes e, em alguns casos, com problemas de saúde ou aposentados. Questões relacionadas ao tamanho das propriedades, que têm em média de 12 hectares, e o receio de realizar novos investimentos, em razão do grande risco de endividamento, também foram apontados como fatores limitadores para a diversificação. Como conclusão evidenciou-se que os jovens estão preocupados com a produção de alimentos saudáveis para o consumo, com práticas de manejo menos prejudiciais à saúde, dedicando-se à produção orgânica, sem a utilização de agrotóxicos.

Palavras chave: Agricultura Familiar, Diversificação de atividades, Escola Família Agrícola, Vale do Rio Pardo.

Abstract: This article brings some reflections on family farming in the Vale do Rio Pardo region, whose main activity is tobacco production. The control of transnational companies over the tobacco growing process limits the possibilities of diversifying activities among rural youth, which has led many to migrate to urban centers. The Family Agricultural School of Santa Cruz do Sul - EFASC, created in 2009,

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

has as one of its purposes to prepare young people from rural areas of the Vale do Rio Pardo region with technical training, aimed at diversifying activities in family farming. In this research we sought to investigate the contribution of EFASC graduates in the diversification of activities in family farming in the region. For this purpose, semi-structured interviews were carried out with graduates from the 2011 and 2012 classes, in addition to a bibliographic and data survey from secondary sources on the subject. The results showed that the school, together with the support of a network of entities and the families of the young people, prepares students to decide, in an autonomous way, about staying or not in the rural area. They also point out difficulties related to the availability of labor, considering that they are families with few members and, in some cases, with health problems or retired people. Issues related to the size of the properties, which have an average of 12 hectares, and the fear of making new investments, due to the high risk of indebtedness, were also pointed out as limiting factors for diversification. In conclusion, it was evident that young people are concerned with the production of healthy food for consumption, with management practices that are less harmful to health, dedicating themselves to organic production, without the use of pesticides.

Keywords: Family Agriculture, Diversification of activities, Family Agricultural School, Vale do Rio Pardo.

Introdução

A partir dos anos 1950 a agricultura brasileira passou por um intensivo processo de modernização, também conhecido como “revolução verde”, marcado pela mecanização e tecnificação das práticas agrícolas, que visava o aumento da produção e da produtividade. Porém, o aparato tecnológico não pode ser absorvido por todos os que tiravam da terra o seu sustento, especialmente os agricultores familiares, o que os levou à invisibilidade, fazendo com que ficassem completamente à margem de qualquer amparo legal e de políticas públicas até o final do século XX.

Parte desse importante segmento de agricultores acabou sujeitando-se aos Sistemas Integrados de Produção - SIPs, como produtores de matérias primas como tabaco, frango, suínos, entre outros, controlados por grandes complexos industriais transnacionais. Outra parte manteve sua autonomia, produzindo alimentos para a subsistência das famílias e vendendo eventuais excedentes.

A produção do tabaco na região Vale do Rio Pardo-RS está alicerçado na agricultura familiar, em propriedades que têm média 16ha, em que as famílias cultivam o tabaco como produto comercial, bem como os alimentos para o sustento das famílias. Devido aos cuidados de manejo e a dedicação dos agricultores familiares a essa cultura, bem como a influência do sistema integrado de produção, sob a liderança de grandes empresas transnacionais do setor, a grande maioria dos agricultores familiares acabou se especializando nesta cultura fazendo com que a produção diversificada ficasse em segundo plano.

Várias foram as iniciativas de diversificação da produção na agricultura familiar da região do Vale do Rio Pardo, mas poucas apresentaram resultados promissores.

Nesse contexto, analisamos a participação de egressos da EFASC, mais especificamente das turmas de 2011 e 2012, na diversificação da agricultura familiar, visando compreender a importância do desenvolvimento de novas estratégias de diversificação na agricultura do Vale do Rio Pardo, bem como o resgate dos saberes culturais da agricultura familiar e seu papel em meio à sociedade. Para tanto, identificamos os temas dos trabalhos finais, os Projetos Profissionais dos Jovens - PPJs, caracterizando as atividades e verificando os principais avanços e dificuldades enfrentados pelos egressos das turmas no retorno às propriedades de suas famílias.

Além da introdução, este artigo aborda a discussão conceitual destacando o significado de camponês e de agricultor familiar, a diversificação de atividades no contexto da produção do tabaco, com destaque para a contribuição dos egressos da EFASC no incremento da diversificação de atividades na agricultura da região.

De Camponês a Agricultor Familiar

Por muito tempo o camponês foi visto como incapaz de desenvolver suas condições de produção agrícola. A visão distorcida resultou no esquecimento dos camponeses no processo de modernização da agricultura, com os argumentos de serem tradicionais e avessos ao progresso (WANDERLEY, 2003). Durante os governos militares (1964-1985) a utilização do termo “camponês”, para designar as atividades com base familiar, esteve fortemente carregado de conteúdo político. Nesse período foi incessante a busca por uma expressão política neutra, originando denominações como pequenos produtores, agricultores de subsistência e produtores de baixa renda, que continham forte caráter depreciativo (WANDERLEY, 2014).

A popularização da denominação agricultura familiar ocorreu com a (re)valorização da agricultura de caráter familiar, a partir da década de 1990, com a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar – Pronaf (WANDERLEY, 2014). Matei destaca que a partir de 2003 foram implementadas diversas políticas de desenvolvimento dos territórios rurais com o objetivo:

[...] de resgate da importância econômica e dos valores rurais para o desenvolvimento do país; a necessidade premente de combater todos os tipos de desigualdades; e o papel fundamental do sistema familiar de produção e da reforma agrária na geração de produção, emprego e renda, bem como na própria dinamização socioeconômica local e regional das comunidades rurais (MATEI, 2014, p. 75).

Com o desenvolvimento de políticas públicas e a disseminação da nova terminologia ainda permaneceram dúvidas em relação aos critérios que enquadravam os estabelecimentos em agricultura familiar. Em 24 de julho de 2006 foram estabelecidos os requisitos definidores sob a Lei Nº 11.326:

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

Art. 3º Para os efeitos desta Lei considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I – não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II – utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III – tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

IV – dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Os critérios estabelecidos viabilizaram aprofundar a realidade da agricultura familiar. Conforme os dados do Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2017), ela é responsável por 77% dos estabelecimentos agropecuários, ocupando apenas 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Assume extrema importância por promover a oferta de alimentos à mesa dos brasileiros. Produz 80% da mandioca, 69% do abacaxi, 42% do feijão. Ainda se sobressai na ocupação de mão de obra, mantendo 67% do pessoal ocupado.

Os dados refletem que apesar da área total de exploração familiar ser reduzida, ela é melhor aproveitada, sendo responsável pela produção de significativa parte dos alimentos da população, além de gerar maior número de postos de trabalho no meio rural.

O documento desenvolvido pela Embrapa no ano de 2013, baseando-se nos critérios estabelecidos pela Lei Nº 11.326, destaca a concentração geográfica da agricultura familiar no Brasil nas regiões Sul, Nordeste e Sudeste. Dentre as três regiões, o Sul se destaca com a maior concentração relativa de ocupação de estabelecimentos familiares. A ocorrência nessas regiões está relacionada aos fatores históricos e geográficos.

Na atualidade a agricultura familiar pode ser entendida como um grupo bastante heterogêneo, conforme Santos e Vilar (2012, p.6):

A heterogeneidade dos agricultores familiares demonstra a variedade de realidades, pois enquanto alguns produtores familiares apresentam uma elevada produtividade, usam insumos tecnológicos modernos, obtêm um bom nível de renda e geralmente recorrem ao crédito rural, outros dispõem apenas do arado e da enxada, instrumentos rudimentares, ocorrendo o aluguel de máquinas, tratores e colhedoras, em épocas específicas como o plantio e a colheita.

Santos e Vilar (2012, apud LAMARCHE, 1998) argumentam ainda que o agricultor familiar, atualmente, evidencia diferentes graus de integração com o mercado. Dessa maneira há agricultores totalmente dependentes do mercado, outros que comercializam parte de sua produção e destinam o restante ao autoconsumo, além dos que produzem basicamente para a sua subsistência.

Agricultura familiar: entre a diversificação de atividades e a produção de tabaco na região do Vale do Rio Pardo

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

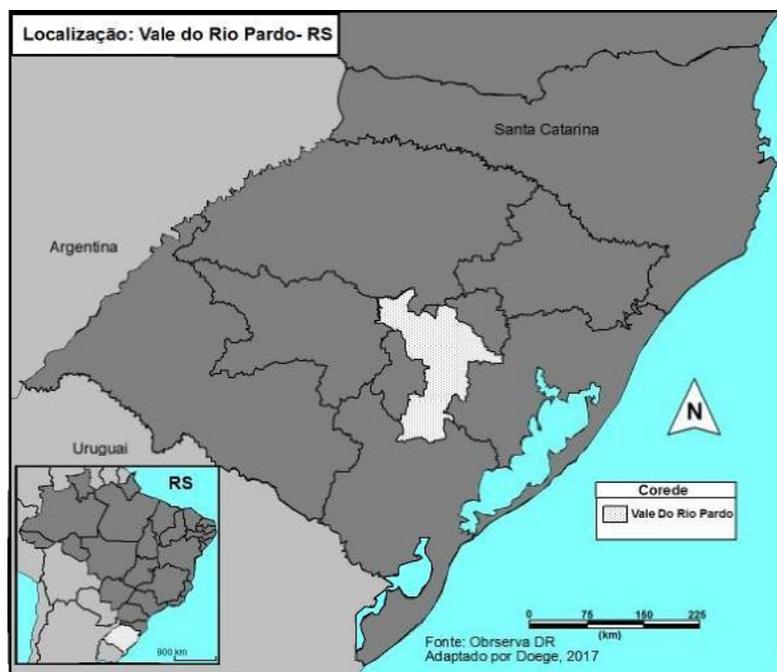
O Portal do Estado do Rio Grande do Sul divulgou dados do Censo Agropecuário de 2017, identificando 293.892 estabelecimentos familiares, que representam 80,5% dos estabelecimentos agropecuários, detendo apenas 25,3% da área ocupada. A concentração principal dos estabelecimentos familiares está localizada na Encosta do Planalto Meridional e no Alto Uruguai motivados por fatores físicos e históricos.

Esses estabelecimentos familiares se desenvolveram à base da rotação de terras ou pela rotação de culturas voltada para o autoconsumo. Bernardes (1997, p. 94) afirma que:

Em algumas áreas, em que os colonos não chegaram a adotar a rotação de culturas associada à criação de gado, verifica-se entretanto grande progresso com o desenvolvimento especializado de certos produtos: é o caso, por exemplo, da zona vitivinicultora da região italiana antiga e da zona produtora de fumo em torno de Santa Cruz do Sul.

Conforme apontado por Bernardes, a relação entre agricultura familiar e a produção de tabaco no município de Santa Cruz do Sul e região não é recente. A produção de tabaco se destaca na região do Corede Vale do Rio Pardo, localizado na Encosta Inferior do Planalto Meridional, também conhecida como Serra Geral. Encontra-se mais precisamente na parte centro-oriental, abrangendo um total de 23 municípios, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Localização da região do Vale do Rio Pardo-RS



Fonte: Observa DR, adaptado pelos autores, 2017.

O Vale do Rio Pardo é um dos eixos centrais na produção de tabaco brasileira. O sistema integrado de produção submete os agricultores familiares às empresas transnacionais do setor que estão vinculadas aos mercados globais. Schneider (2012) aponta que, ao se

concretizarem, as indústrias fumageiras tiveram o controle da produção, da organização e do trabalho do agricultor familiar de Santa Cruz do Sul e região, destacando o mercado desigual exercido na compra e venda dos produtos.

Com a incorporação de novas das técnicas foi possível observar a intensificação da integração dos agricultores à cadeia produtiva. Em certos períodos houveram estímulos para que os agricultores se dedicassem exclusivamente à produção do fumo, assim, a diversificação, que era característica principal da região, foi cada vez mais deixada de lado (SILVA, 2001).

Os dados da Associação dos Fumicultores do Brasil- AFUBRA, referentes a safra de 2019/2020, mostram um pouco da dimensão que a atividade toma regionalmente. A produção do tabaco na região sul envolveu 101.765 propriedades familiares, abrangendo um total de 146.430 famílias produtoras. Empregou 333 mil pessoas das famílias, gerando também 103 mil empregos temporários na contratação de mão de obra durante o período de colheita. Na produção do tabaco 35,5 mil famílias não possuem terras próprias e trabalham em regime de parceria. Na safra de 2018/2019 o cultivo constituiu 46,40% da renda familiar dos agricultores, enquanto que produção animal e vegetal correspondeu a 28,15% e 25,43% respectivamente. Dados apresentados pela entidade mostram que alguns municípios que compõem o Vale do Rio Pardo, como Venâncio Aires, Candelária, Santa Cruz do Sul, Vale do Sol são produtores em destaque no ranking nacional.

A busca por desenvolver alternativas que possibilitem a manutenção dos pequenos estabelecimentos familiares é a discussão atual. As tratativas de redução de consumo do tabaco, a exemplo da Convenção Quadro do Tabaco, refletem em menores demandas da produção no mercado mundial. Com menos consumo a tendência é a necessidade de diminuição do cultivo nas unidades familiares à longo prazo. Isso significa também impacto na renda dos agricultores, bem como na economia regional. Em virtude desses fatores, a busca por estratégias que permitam maiores rendas e melhores condições de vida aos agricultores familiares do Vale do Rio Pardo faz se necessária. Uma das estratégias apontadas para a redução da dependência em relação as transnacionais do tabaco, bem como na geração de renda é a diversificação.

Todavia, Riquinho e Hennington (2014) apontam que para ocorrer a diversificação é preciso de um tempo de investimento para a expansão de outros cultivos, o que pode culminar diretamente nos lucros obtidos pelas famílias. Assim, afirmam:

Diferentemente do sistema integrado no cultivo do tabaco, em que a indústria fornece insumos, equipamentos, assistência técnica e compra do produto final, a diversificação em pequenas propriedades rurais requer um trabalho processual, contínuo e qualificado, de debate, planejamento e acesso a políticas públicas de caráter estruturante, como crédito, assistência técnica, capacitação, logística e espaços para a comercialização dos produtos, visando ao fortalecimento da organização rural e da intersectorialidade (RIQUINHO E HENNINGTON, 2014, p. 202).

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

Nessa perspectiva, os autores ainda destacam que algumas políticas públicas desenvolvidas estão apresentando resultados positivos. Em âmbito federal o Pronaf significou uma das principais linhas de crédito oferecidas aos agricultores familiares, dispostos a diversificar. Na esfera estadual, o estímulo derivou do Fundo de Financiamento para Pequenos Produtores Rurais (FEAPER) e de Projetos desenvolvidos pela Emater para a aquisição de mudas, de micro açudes e equipamentos para fruticultura. As políticas mais significativas desenvolvidas para impulsionar a diversificação e garantia de mercado vieram do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Com a implementação desses programas institucionais de compra de alimentos da agricultura familiar, a instalação de cooperativas de agricultura familiar e do Arranjo Produtivo Local do Vale do Rio Pardo, visando fortalecer e garantir o comércio local, a diversificação começa a adquirir destaque. Em 2009 a instalação de Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) na região vem a somar a esse novo contexto de estímulos à diversificação. Nesse sentido, a Escola entende o jovem como um dos principais agentes do processo de desenvolvimento rural.

A maioria dos jovens que estão inseridos na cadeia produtiva do tabaco ficam à mercê dos hábitos culturais das gerações anteriores, dificultando a troca de produção, por conta da perda de hábitos práticos de cultivos alimentares para autossuficiência. Dessa maneira, a produção de alimentos se torna algo quase que impraticável pela carência de conhecimento.

É nesse contexto que o trabalho das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) assumem grande relevância, pois são importantes agentes de desenvolvimento local/regional, isto é, buscam resgatar os saberes tradicionais da agricultura familiar, dando-lhe importância enquanto atividade econômica, além de oferecer alternativas para o jovem do meio rural, para que ele permaneça e dê continuidade no trabalho agrícola desenvolvido na propriedade por meio da Pedagogia da Alternância.

A Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC)

O histórico de desenvolvimento econômico do Vale do Rio Pardo, baseado no cultivo e industrialização do tabaco, a sujeição dos agricultores frente as transnacionais, a falta de alternativas promissoras como lazer, oportunidade de trabalho, vergonha de pertencer ao rural, dentre outros motivos, levou a decisão de muitos jovens da região ao abandono do campo (SCHNEIDER, 2012).

É nesse contexto que a construção da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul foi estimulada, pela necessidade da criação de um potencial de desenvolvimento sustentável e agrícola, que auxiliasse na promoção da autonomia do agricultor familiar, no sentido de resgatar saberes acumulados por gerações, e na perspectiva de respeito às culturas que tendem a ser negadas e esquecidas.

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

Costa (2012) aponta que a efetivação da escola ocorreu por demanda da própria comunidade em geral, por necessitar de uma escola que ofertasse uma formação técnica em agricultura. Também deveria estar disposta a debater junto aos jovens e suas famílias alternativas concretas de diversificação e geração de renda.

Dessa maneira ocorreu a consolidação da EFASC, com a adoção da metodologia da alternância, baseando a aprendizagem dos jovens em situações vividas, encontradas, observadas em seu meio. A alternância como método, somada a adoção da pesquisa participativa com a família e a comunidade, revelou o resgate de práticas sociais que ocorriam na região, conforme

[...] os estudantes acabam por resgatar práticas sociais (festas específicas como a da colheita, dias santos, as mais variadas cantigas); costumes comuns entre gerações distintas (visitas aos vizinhos em datas específicas, como em datas religiosas, corrida de bois, as carreiras de cancha reta); hábitos (os mutirões de serviços entre a vizinhança, as carnações coletivas) e vários manejos da propriedade (plantio de culturas desconhecidas pelos estudantes, sobretudo de produção orgânica, ferramentas que poucas famílias fazem uso), que há muito tempo não são mais aproveitados. (COSTA, 2012, p.130-131)

Costa (2012) aponta que a metodologia reconhece o saber construído pelas gerações e demonstra a importância do envolvimento da família/comunidade para a construção do conhecimento, baseado no diálogo e do saber ouvir.

A escola oferta aos estudantes e suas famílias a possibilidade concreta do jovem optar entre permanecer no meio rural ou não. Expressa construir coletivamente condições que viabilizem a permanência no campo.

Aproveita-se assim, toda a formação para praticar com as famílias e comunidade, possibilidades concretas de ficar na propriedade e ficar bem, produzindo, com boa qualidade de vida, com perspectivas favoráveis ao seu desenvolvimento enquanto pessoa, com apoio familiar e da escola posteriormente nos projetos que esse resolver implantar (COSTA, 2012 p.152).

Da mesma maneira que a EFASC tem como objetivo a formação integral, Costa (2012) destaca que ela tem a finalidade de formar os jovens pensando no desenvolvimento do seu meio. Entende que grande parte de seus alunos são oriundas de famílias que têm o tabaco como única fonte de renda, o que leva a Escola a focar em todas as áreas do conhecimento a necessidade de fomentar a diversificação de atividades nas propriedades de seus alunos.

Pozzebon e Vergutz (2013) explicam que as EFAs, como forma de qualificação dos jovens, utilizam o instrumento Projeto Profissional do Jovem, a fim de encaminhar o jovem a profissionalização do trabalho rural, com o sentido de melhorar a renda e a qualidade de vida. Esse instrumento tem sido importante na condução dos jovens para o mundo do trabalho, tornando-os agentes de desenvolvimento econômico e social do meio rural.

Efetivamente o Projeto Profissional, conforme Pozzebon e Vergutz (2013, p.11):

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

É o instrumento pedagógico que interliga tecnicamente as aprendizagens desenvolvidas durante a caminhada alternada na Escola Família Agrícola com o ambiente sócio-profissional e/ou familiar. Este projeto é construído em consonância com os desejos do estudante e também de sua família.

Costa (2012) afirma que é mediante as práticas e da vivência da alternância que o jovem amadurece ao longo dos anos, preparando-o para atuar futuramente no campo da produção, da transformação ou de serviços.

Pozzebon e Marques (2016) afirmam ainda que o PPJ é um processo educativo e profissional. Educativo pelo fato de haver acompanhamento da Escola no processo de desenvolvimento, articulando e mobilizando diferentes conhecimentos. Profissional por instigar o jovem e a família a pesquisar, estudar, buscar resposta e construir de forma coletiva alternativas para a propriedade e comunidades.

Costa (2012) destaca que na formação das primeiras turmas da EFASC tem se observado a diversificação nas propriedades, a comercialização de alimentos entre vizinhos, comércio local, associações de produtores, feiras orgânicas e cooperativas. Igualmente pode ser observado a comercialização para programas governamentais, como PNAE.

Projetos Profissionais dos Jovens (PPJs) dos egressos das turmas 2011/2012

Atualmente muitos dos jovens que estão inseridos no meio rural não veem na propriedade formas promissoras de gerar renda, a não ser aquela que vem sendo desenvolvida durante anos por seus pais. Essa falta de estímulos e de autonomia dos jovens no gerenciamento da unidade produtiva é que culmina na saída da propriedade. Com a finalidade de reverter esse quadro de migração é que a EFASC vem desenvolvendo projetos com seus alunos, para que conheçam a propriedade e adquiram conhecimento técnico que possibilite fortalecer potenciais geradores de renda.

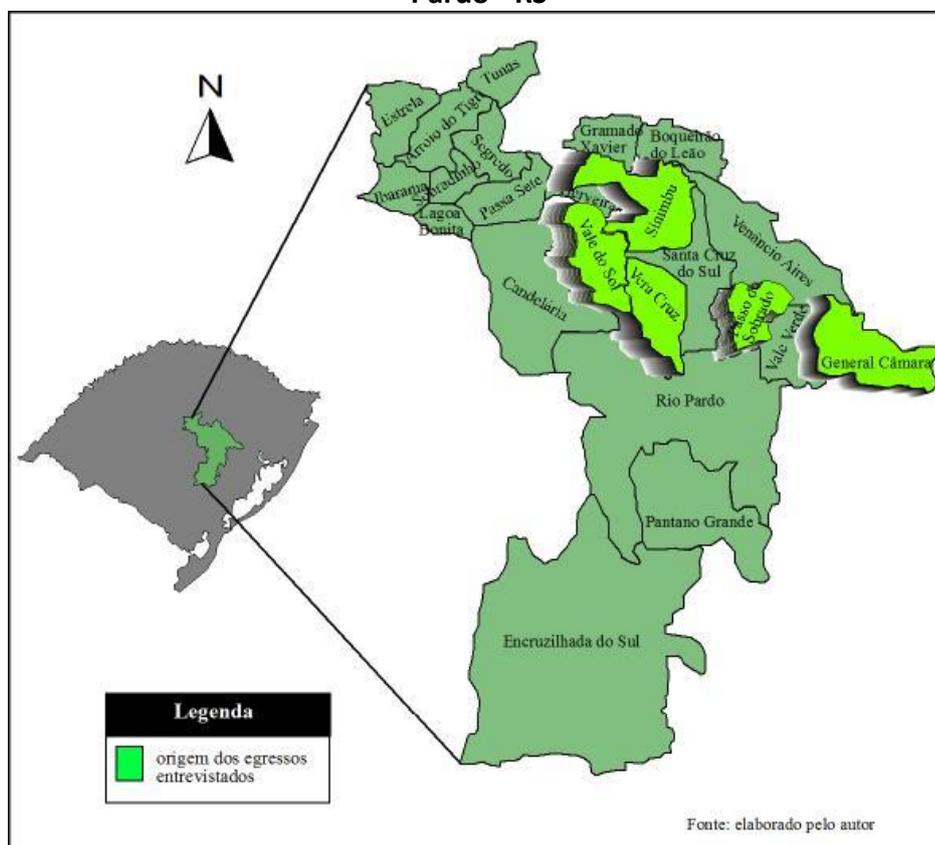
Nesse enfoque o resultado final de toda bagagem de conhecimento adquirido nos anos de estudo resulta no Projeto Profissional do Jovem. Os PPJs elaborados pelos egressos se tornam uma direção na qual o jovem pretende trilhar sua trajetória no rural. Conforme aponta Costa (2012), dos 41 egressos da turma de 2011, 29 já vinham implementando ou queriam desenvolver seu projeto na propriedade.

Portanto, nessa busca em desenvolver fontes alternativas para a subsistência, bem como geração de renda, buscamos identificar alguns egressos das turmas de 2011/2012 que permaneceram ou que mantêm vínculo produtivo na propriedade, desenvolvendo seu projeto profissional.

O estudo foi desenvolvido com base em cinco projetos profissionais apresentados no final do ciclo de estudos na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul de egressos de cinco

municípios, sendo eles General Câmara, Passo do Sobrado, Sinimbu, Vale do Sol e Vera Cruz, conforme a Figura 2:

Figura 2: Localização dos municípios dos egressos entrevistados na região do Vale do Rio Pardo - RS



Fonte: elaborado pelos autores, 2020.

Em relação aos egressos, três dos PPJs analisados são da turma de 2011, correspondendo aos municípios de Sinimbu, Vale do Sol e Vera Cruz. Na segunda turma de egressos, a de 2012, foram analisados dois projetos, desenvolvidos nos municípios de Passo do Sobrado e General Câmara. Além da análise dos PPJs, os autores dos projetos de ambas as turmas também foram entrevistados.

O primeiro PPJ identificado foi do egresso do município de Sinimbu residente na Linha São João. Ele propunha como tema de seu projeto a “Diversificação da produção hortifrutigranjeira e melhoramento da alimentação de bovino leiteiro”. Conforme o projeto, por muito tempo na propriedade a produção de tabaco era a principal fonte de renda, enquanto que a produção leiteira era deixada em segundo plano. O trabalho com bovino leiteiro era uma prática de extrema importância, pois vinha sendo desenvolvida há anos por sua mãe e agregava renda para a família. Nesse sentido, o jovem observava o potencial da

produção leiteira com base no melhoramento das pastagens utilizadas na alimentação das vacas.

O seu objetivo era o beneficiamento do leite em queijos e implantação de uma agroindústria de derivados do leite legalizada, que se tornaria a principal fonte de renda. Para complementar a renda observou a oportunidade em outra atividade que também estava sendo desenvolvida formalmente, relacionada ao fornecimento de produtos hortifrutigranjeiros para a merenda escolar. Os produtos a serem vendidos eram olerícolas (alface, repolho, couve-flor, etc), solanáceas (tomate, pimentão, batata) e citros (laranja).

Outra proposta desenvolvida foi a do egresso do município de Vale do Sol residente na localidade de Linha Bernardino. Seu planejamento para a propriedade estava alicerçado na produção da “Avicultura Colonial e Olericultura”. A identificação do potencial da atividade foi observada a partir da vivência, uma vez que em consonância com a produção do tabaco eram produzidos alguns gêneros alimentícios para a subsistência da família, que por vezes geravam excedentes, olerícolas e ovos que eram comercializados na cidade.

A pesquisa de mercado consumidor foi fator decisivo para a escolha da atividade a ser desenvolvida, pois o fornecimento de ovos e olerícolas (repolho, alface, rúcula, brócolis, cenoura dentre outros) era procedente de outros municípios.

O terceiro projeto identificado da turma de 2011 diz respeito ao egresso do município de Vera Cruz, domiciliado na Travessa Rio Pardinho. A atividade na qual o egresso observou viabilidade econômica foi “A produção de vassouras de palha”, permitindo agregar renda junto as demais atividades na propriedade. A ação de desenvolver o projeto se apresentava possível, pois a produção do sorgo vassoura permitiria ser desenvolvida, integrada ao cultivo do tabaco e pequena produção de derivados da cana-de-açúcar. A efetivação da produção de vassouras foi considerada viável por apresentar demanda no mercado consumidor, pois trata-se um objeto de limpeza utilizado comumente nas residências com o consumo, em média, de duas vassouras por ano.

A produção do sorgo vassoura, segundo o egresso, permite trabalhar de forma sustentável, pois sua produção pode ser realizada de forma orgânica, sem a aplicação de agroquímicos, mantendo as propriedades naturais do solo.

Em relação à turma de 2012, foi identificado o tema do projeto do morador da localidade de Malhada no município de Passo do Sobrado. A instalação de uma “Agroindústria Familiar” é a base de seu projeto. Descreve que durante 49 anos a sua família era dependente economicamente da cultura do tabaco e que a propriedade abrigava ainda produção para a subsistência como feijão, batata, mandioca, moranga, entre outros. No ano de 2009 buscaram identificar outras fontes de renda, quando observaram o potencial na produção de goiabas, implantando na propriedade duzentos mudas. A produção teve aceitação no comércio local.

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

O último PPJ estudado corresponde ao do egresso morador de Boqueirão, localidade situada no município de General Câmara. O projeto elaborado consiste no “Cultivo de aipim, milho e feijão para o alimento da família e geração de renda”. Quando elaborado o projeto, a principal fonte de renda da propriedade era proveniente da comercialização da produção da madeira de Eucalipto. Além disso, para aumentar a renda, eram comercializadas bananas e figos, suprindo a demanda de consumidores locais.

O potencial da atividade do projeto resulta da observação da redução de gastos com a alimentação da família, pois a propriedade apresentava grande variedade de cultivos de hortaliças, milho, feijão, mandioca, banana e algumas variedades de árvores frutíferas. Também havia a criação de animais para consumo próprio, como o gado, porcos, galinhas, patos, marrecos, coelhos e gansos.

Esses cinco projetos apresentados são uma pequena fração de todos os PPJs elaborados pelas duas primeiras turmas egressas da EFASC. Todavia, a partir dos projetos analisados é possível reconhecer o grande potencial das unidades produtivas familiares da região, referente à diversificação de atividades e das fontes de renda, desconstruindo a falácia de que a única forma de gerar renda na agricultura familiar na região é o cultivo do tabaco.

Contribuição dos egressos da EFASC na diversificação da produção na região do Vale do Rio Pardo – RS

Transcorridos nove anos desde a formação das primeiras turmas egressas, verificamos a partir das propostas dos projetos analisados, se os jovens ainda permanecem inseridos no meio rural, conhecer as atividades que estão desenvolvendo, se estão conseguindo colocar suas propostas em prática e quais foram seus avanços e dificuldades, desde a formação até o ano de 2020.

Para chegar às respostas utilizamos a aplicação de uma entrevista semiestruturada com cinco egressos da EFASC, sendo três da turma de 2011 e dois da turma de 2012, que abordava questões a respeito das atividades desenvolvidas na propriedade atualmente, a continuidade dos projetos elaborados ao final do ciclo da EFASC e seus principais impactos na propriedade familiar.

O primeiro egresso entrevistado foi o residente no município de Sinimbu. Atualmente o jovem continua vivendo na propriedade com seus pais e sua companheira. Recebeu de herança quatro hectares da propriedade originária da família. Mantém sua unidade de produção bastante diversificada, tendo sua renda baseada entre diversas fontes, mas é da comercialização de morangos *in natura* que provém seu sustento.

Figura 3: Produção de morangos em estufa do egresso 1



Fonte: registrada pelos autores, 2020.

A produção de morangos é desenvolvida em uma estufa de 560 m² e a maior parte da produção é comercializada no município de Santa Cruz do Sul (80%) ao preço de R\$18,00/kg. Em seu município a venda corresponde apenas a 20%, onde vende o quilo a R\$16 em decorrência de menores gastos com deslocamento. A negociação é realizada diretamente com os consumidores, através de visita de porta em porta, e por meio de grupos de WhatsApp, por meio do qual seus clientes manifestam interesse. A conquista de novos consumidores também está condicionada à propaganda dos próprios familiares e compradores.

O egresso aponta algumas vantagens da produção de morango em relação ao cultivo do tabaco. A principal razão da escolha da cultura do morango é pelo rendimento econômico por área produzida, sendo muito maior, quando comparado a outras culturas em uma mesma área. Explica que a muda do morango é produtiva, em média, por três anos e que os investimentos feitos com estufas têm maior durabilidade, enquanto que a produção do tabaco anualmente necessita de novas estruturas para produção de mudas. Além disso, quando a produção do tabaco é afetada por alguma intempérie a renda fica comprometida. Em contraposição, a produção do morango, quando afetada por alguma praga ou doença é possível fazer o manejo antecipado de controle. Outra vantagem é a possibilidade de ser cultivada durante o ano inteiro, permitindo geração de renda mensalmente.

Sua renda não advém apenas do morango, mas é complementada por diversos outros cultivos. Dentre eles estão a produção de 20 laranjeiras, 30 pessegueiros, que quando produzem também são vendidos. São produzidos também hortaliças, como a alface, a rúcula, beterraba, repolho, cebola e outros.

Seu projeto está sendo parcialmente desenvolvido, com base em frutas e hortaliças. Segundo ele, a produção leiteira continua, mas em uma escala pouco significativa. A

continuidade da atividade está atrelada a fatores históricos, pois vinha sendo uma atividade desenvolvida por várias gerações. O trabalho com bovino leiteiro tornou-se uma atividade praticamente inviável pelo atual tamanho da propriedade, pois necessitaria de muitas áreas de pastagem para a alimentação. Com a falta de áreas de pastejo, a alimentação teria que ser suplementada com ração, tornando os custos muito elevados.

Em referência às dificuldades enfrentadas para desenvolver a diversificação, relata que inicialmente houve a resistência por parte da família, pois o cultivo de tabaco era a única fonte de renda e a proposta não convenceu positivamente seus pais. Com a aposentadoria deles, iniciou a inserção aos poucos a prática da diversificação. A falta de mão-de-obra disponível na propriedade é outro fator limitante, em razão de seus pais serem aposentados e sua companheira exercer atividades fora da propriedade, dedicando-se às atividades na propriedade apenas em horas vagas. A disponibilidade de tempo do próprio entrevistado é outro obstáculo a ser superado, em função de que outras atividades exigem cuidados, mas que não dão retorno financeiro. O manejo de pragas, doenças e as próprias condições climáticas exercem dificuldades para as lidas.

Para o futuro da propriedade ele tem planos de encerrar a criação do bovino leiteiro, liberando áreas destinadas ao pastejo para ampliação da produção de morangos. Não descarta em futuramente implementar na propriedade a produção de uvas para incrementar a renda.

O segundo egresso entrevistado é residente do município de Vale do Sol, o qual também continua nas atividades da unidade de produção. Ele, no momento mora com seus pais e avó materna na propriedade de 22 hectares. Do total da propriedade, em torno de 3 a 4 hectares são destinados para o cultivo de tabaco. Uma outra fonte de rendimentos decorre da lavoura de milho que é transformado em silagem para a alimentação dos animais. A propriedade tem 0,5 hectare voltado à produção de hortaliças orgânicas, como batata inglesa, batata doce, feijão, mandioca e criação de animais destinados para a subsistência da família.

O egresso aponta que por alguns anos se dedicou a produção de olerícolas, como apontado na pretensão do seu projeto. De fato, a produção gerou ganho de renda e ocasionou a redução do cultivo de tabaco durante o período em que o projeto foi implantado. No que se refere às vantagens em relação à diversificação da propriedade, assinala a redução de custos com a compra de gêneros alimentícios.

Alguns fatores foram decisivos para a desistência da continuidade do projeto. Um deles foi motivado pelo fato de o município não comportar toda a produção orgânica, gerando desperdício. A falta de valorização dos produtos orgânicos foi outro fator, pois a produção exige mais mão-de-obra no manejo da atividade. A produção de aves apontou como uma atividade que apresentaria risco, pois a infraestrutura para sua criação era muito distante da casa e muito próximo da estrada geral, resultando no risco de furto das aves.

Figura 4: cultivo de batata inglesa e da batata-doce



Fonte: imagem cedida pelo egresso, 2020.

Ressalta que as principais dificuldades encontradas na sua unidade de produção são a escassez da água durante o verão, obrigando a interromper a produção até que o período das chuvas retorne. A falta de mão-de-obra foi outra ressalva feita, pois necessitaria no mínimo de três pessoas para dinamizar as atividades. Duas pessoas teriam que dedicar-se a atividades da produção e uma para fazer a comercialização e busca de novos consumidores.

Mas o jovem não se abala com as dificuldades enfrentadas, pois já faz planos para o futuro da unidade de produção. Uma das suas expectativas é o investimento em fruticultura com ênfase na cultura do pêsego. Explica que a diversificação com base na fruticultura é viável para a propriedade, pois exige menos mão-de-obra e a necessidade de plantio ocorre uma única vez e pela aceitação dos produtos seja in natura ou processados.

A outra egressa entrevistada reside no município de Vera Cruz. No atual momento a egressa está vivendo a 7 km da na propriedade da família. Reside no distrito de Rio Pardinho com seu marido, tendo sua fonte de renda proveniente da empresa de transporte da qual são proprietários e do recolhimento do leite nos municípios de Cachoeira do Sul, Restinga Seca e região. Ela ressalta que mantém vínculos com a agricultura auxiliando nas atividades da propriedade de seu pai durante os feriados e finais de semana.

Ela destaca que a propriedade de 20 hectares de seu pai se mantém por meio de diversas atividades, nos quais aponta a agroindústria de derivados da cana-de-açúcar, legalizadas com muito esforço por ela e sua irmã, também egressa da EFASC. Atividades com cuidados da horta, criação de animais para consumo próprio e venda de eventual excedente e a produção de vassouras são atividades desenvolvidas concomitantemente à agroindústria.

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

Explica que embora não resida com seus pais, muitos alimentos consumidos por ela e o marido provém da propriedade do pai, em troca das ajudas nas diversas tarefas. A atividade a qual mais se dedica é a produção do sorgo e a confecção de vassouras, base do seu PPJ.

Salienta que o trabalho com o sorgo e a confecção de vassouras para ela é um orgulho, por se tratar de um resgate histórico de grande importância, que vinha sendo esquecido pelas atuais gerações, cujo aprendizado adquiriu com seu avô. Além disso, é uma possibilidade de agregar renda à propriedade, podendo ser praticada de forma consorciada as outras atividades.

A propriedade tem como fonte de renda a agroindustrialização de derivados da cana-de-açúcar, tendo como carro chefe o melado. Em média são comercializados 360 kg a 600 kg por semana ao preço mínimo de R\$ 6,40/kg, sendo que a renda varia de acordo com a quantia vendida. Os produtos são vendidos diretamente aos consumidores fidelizados há vários anos, como também em mercados e padarias. Já a venda das vassouras ocorre em supermercados, pequenos estabelecimentos comerciais, em bares e venda direta aos consumidores. Estima que sejam negociadas de 50 vassouras por mês ao preço de R\$22 a unidade.

Figura 5: Produção de Vassouras



Fonte: imagem cedida pela egressa, 2020.

Segundo a egressa, ao longo dos últimos anos vem sendo feitas algumas adaptações na estrutura da agroindústria familiar, como a implantação de esteiras e rampas para facilitar o trabalho. A expectativa é continuar com as produções atuais na mesma escala. A longo prazo projetam aumentar a produção de derivados da cana de açúcar com a produção do açúcar

mascavo, que atualmente é produzido em escala menor, por não ter o equipamento necessário.

Ela destaca que não enfrentou dificuldades para desenvolver as atividades, pois a família tem o costume de se auxiliarem entre si e que este foi estímulo para continuar desenvolvendo as atividades. Argumenta ainda que o trabalho com o manejo de algumas culturas torna-se difícil em razão da topografia acidentada predominante na propriedade, mas que isso nunca foi um obstáculo, por estarem habituados.

Outro entrevistado foi o egresso de Passo do Sobrado, o qual se mantém na propriedade de 36 hectares com seus pais. A unidade de produção tem renda baseada no cultivo de 1,5 hectares de tabaco, 500m² destinado à produção tomate, pepino, morango e 0,5 hectare produzindo goiaba e figo. A propriedade conta também com uma agroindústria familiar, conforme era expectativa prevista em seu projeto.

Seu projeto saiu do papel no ano seguinte à elaboração de seu PPJ, sendo que a implementação e formalização da agroindústria ocorreu em 2013. A infraestrutura utilizada para implantá-la foi uma antiga estufa para secagem do tabaco, que sofreu adaptações para atender as exigências sanitárias, como a colocação de revestimentos em piso e parede impermeáveis e de cor clara. Segundo o egresso, não teve grandes dificuldades para formalizar a agroindústria, pois as exigências referentes à implantação de agroindústrias de origem vegetal não são tão severas. Hoje, a agroindústria atua com o processamento de figo e de goiaba para a produção de geleias, comercializadas a R\$8,00 o pote de 600 gramas.

A principal vantagem representada pela formalização da agroindústria apontada pelo jovem foi a possibilidade de acesso a mais oportunidades de negócios, como a comercialização dos produtos em alguns mercados, lojas, em feiras e eventos, como Expoagro e a Expointer. Enfatiza que sua maior dificuldade está na dinamização da comercialização.

Um reflexo decorrente do fortalecimento da agroindústria foi a necessidade de diminuição da produção do tabaco, sendo que atualmente esta corresponde à metade da renda gerada por todos cultivos. Nessa perspectiva, aponta que a intenção é buscar mais parcerias comerciais para ampliar suas vendas.

O último egresso entrevistado convive com seis integrantes da família na propriedade de 12 hectares, localizado no município de General Câmara. Segundo o jovem, apesar do grupo familiar residente ser numeroso, ele é o único que trabalha para conseguir renda. Se justifica em razão de sua mãe e a companheira terem problemas de saúde que as incapacita de realizar esforço físico, sua esposa precisa cuidar da filha do casal e seu avô é aposentado.

O jovem realiza diversas atividades dentro e fora da propriedade para manter a família e a propriedade. Comercializa vários produtos, como frangos, suínos, mandioca, feijão e vários cultivos de acordo com a sazonalidade dos mesmos. Todavia, os produtos que comercializa

são, em parte, oriundos de outras propriedades, uma vez que compra variados produtos disponíveis e revende colocando uma pequena margem de lucro, conseguindo tirar um salário mínimo (R\$1.045) mensal.

Além disso a propriedade também gera renda baseada na extração do eucalipto e no arrendamento de parte da sua área para a criação de gado. Para a subsistência da família ele cultiva a mandioca, milho, feijão, batata-doce, banana, produtos da horta e a criação de animais, que acabam também sendo negociados localmente. Para a comercialização da carne de frango possui clientela fixa.

O jovem expressa a vontade de desenvolver a produção dos produtos que comercializa apenas na propriedade, diminuindo a dependência de renda da família da disponibilidade de produtos de outros agricultores. Destaca também que gostaria de adquirir mais terras, mas está limitado pelas condições financeiras.

Analisando os resultados obtidos na pesquisa, constata-se que os jovens são oriundos de propriedades que cultivavam o tabaco como principal fonte de renda e que a produção de gêneros alimentícios para a subsistência não supre a demanda anual. Após passarem pela metodologia da alternância ofertada pela EFASC, quatro dos egressos estão desenvolvendo nas suas unidades de produção a prática da diversificação com base nos Projetos Profissionais dos Jovens. A continuidade das atividades está relacionada, em grande parte, à existência de demanda para os diversos produtos oriundos das propriedades diversificadas. A diversificação foi implantada pelos jovens sem investimentos significativos de recursos financeiros. Além disso, as culturas que estão sendo produzidas pelos egressos em grande parte são destinadas à subsistência da família, para agregar renda, além de apresentarem importância histórica para a família.

Com base nas entrevistas é possível perceber que os jovens que buscam agregar renda às atividades na propriedade familiar comercializam os produtos por conta própria o que possibilita estabelecer, na sua opinião, o preço mais justo. A comercialização em mercados, supermercados e feiras são outros lugares destacados, mas exigem certa formalidade do produtor, como garantia de origem dos produtos ou até, no caso de agroindústrias, a formalização do empreendimento.

Para desenvolver as atividades com base na diversificação, os egressos estão esbarrando em dificuldades como a falta de mão-de-obra disponível, pois são famílias com poucos integrantes e em alguns casos, com problemas de saúde ou aposentados. Questões relacionados a área da propriedade também foram destacadas, porque influenciam no desenvolvimento das atividades, pois são propriedades em média de 12 hectares. O investimento é outro limitante, em razão do grande risco de endividamento optam por permanecer produzindo em pequena escala.

Os jovens estão se mostrando mais preocupados com a produção de alimentos saudáveis para o consumo e com práticas de manejo menos prejudiciais à saúde. Nesse sentido, as produções dos jovens têm se baseado na produção orgânica, isto é, sem a utilização de agrotóxicos no manejo das culturas. Todavia, a atividade exige mão-de-obra para cuidados e em alguns municípios não observa a valorização destes produtos na comercialização, com preços equiparados aos produtos convencionais.

Considerações Finais

Atualmente, o agricultor familiar tem diferentes relações com o mercado. Isso está relacionado às atividades que são desenvolvidas na região e nas propriedades. No caso da produção do tabaco é possível identificar no Vale do Rio Pardo, diferentes graus de vínculos dos agricultores familiares com as grandes empresas transnacionais. Quanto mais intenso o vínculo for, mais controle as empresas exercem sobre o trabalho e a organização dos agricultores.

Nesse sentido, muitos jovens não visualizam um futuro na propriedade, o que faz com que a região venha, com o passar dos anos, sofrendo com o êxodo rural, colocando em risco a sucessão familiar da propriedade. Nesse contexto é que surge a EFASC para trabalhar com seus alunos o potencial agrícola da unidade com base na sustentabilidade e na autonomia.

Nessa pesquisa buscamos analisar, por meio dos temas relacionados aos Projetos Profissionais dos Jovens, o potencial das unidades produtivas familiares desenvolverem atividades de diversificação em meio ao discurso dominante de que o tabaco é a única possibilidade de obtenção de renda na agricultura familiar na região. Por meio de entrevistas semiestruturadas identificamos as atividades que estão sendo desenvolvidas por cinco egressos da EFASC e seus avanços e dificuldades.

A EFASC vem contribuindo na disseminação de uma nova compreensão sobre as possibilidades de viver e trabalhar no meio rural da região, pois de fato os jovens estão permanecendo nas propriedades e desenvolvendo práticas diversificadas, amparados no pilar da sustentabilidade.

Enfim, as discussões em torno da agricultura familiar, a cada dia que passa, vêm ganhando mais espaço. É preciso afirmar o seu papel fundamental de colocar alimento na mesa da população, tanto do campo quanto da cidade, como também na geração de emprego e renda. Para isso é necessário pensar formas de campanhas de conscientização da sua importância e políticas públicas eficazes voltadas ao segmento.

No Vale do Rio Pardo é necessário pensar em formas alternativas que assegurem a comercialização da produção, de acesso a crédito e de assistência técnica, uma vez que a diversificação é uma forte estratégia para que o jovem continue na propriedade.

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

Acima de tudo é necessário apoiar a oferta aos jovens das famílias dos agricultores familiares uma escola do campo, com base na metodologia ofertada pela rede das Escolas Famílias Agrícolas.

Referências

AFUBRA. **Fumicultura Sulbrasileira e os minifúndios**, 2019. Disponível em:

<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/tabaco/2019/61a-ro/afubra-resultado-da-safra-2018-2019-convertido.pdf> Acesso em: 07 dez. 2020.

ASCOM EMATER/RS-ASCAR. **A agricultura familiar é desenvolvida em 25% da área rural do RS**, aponta IBGE. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/agricultura-familiar-e-desenvolvida-em-25-da-area-rural-no-rs-aponta-ibge> Acesso em: 20 out. 2020.

BERNARDES, Nilo. **Bases geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 11.326**, de 24 de julho de 2006. Brasília, DF, 24 de jul. de 2006. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/837541.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.

COSTA, João Paulo Reis. Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da pedagogia da alternância. 2012. 225 f. **Dissertação** (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

EMBRAPA. Concentração geográfica da agricultura familiar no Brasil. In: LANDAU, Elena Charlotte et al. **Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo**, 2013. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/200549/1/doc-155.pdf> Acesso: 11 out. 2020.

POZZEBON, Adair. VERGUTZ, Cristina Luiza Bencke. O Projeto Profissional do Jovem - PPJ como instrumento de avaliação mediadora na Pedagogia da Alternância. In: **Anais do I Seminário Regional da Educação no Campo**, Santa Maria: UFSM, 2013. p. 1-16.

RIQUINHO D. L., HENNINGTON E. A. Cultivo do tabaco no Sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde. **Ciências da Saúde Coletiva** 2014; 19:4797-808. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2016001205005&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 15 out. 2020.

SANTOS C. N. C.; VILAR J. W. C. O papel do produtor familiar na agricultura brasileira: desafios e perspectivas. **Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Uberlândia: UFU/LAGEA, 2012. Disponível em:

A Diversificação na Agricultura Familiar: Contribuição dos egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (Efasc)

http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/996_1.pdf Acesso em: 13 out. 2020.

SCHNEIDER, Selma. Educação do campo e sustentabilidade: o caso da Escola Família Agrícola em Santa Cruz do Sul - RS. 2012, 105 f. **Dissertação** (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

SILVA, Márcio Luís Paveglio da. A diversificação na agricultura familiar. 2001. 183 f. **Dissertação** (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2001.

SINDITABACO. **Dimensão do Setor**. Disponível em: <http://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/dimensoes-do-setor/> Acesso em: 24 out. 2020.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos, sociedade e agricultura** (UFRRJ), Rio de Janeiro, v. 21, p. 42-61, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Rev. Econ. Sociol. Rural**. 2014, vol.52, suppl.1, pp.25-44. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032014000600002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 18 set. 2020.

Sobre os autores:

Fernando Doege é graduado em Geografia – Licenciatura, pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. E-mail: fernandodoege@hotmail.com

Virginia Elisabeta Etges é doutora em Geografia, com Pós-doutorado em Planejamento Urbano e Regional na Universidade Técnica de Berlim, docente do Curso de Geografia – Licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional na UNISC e Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: etges@unisc.br